Safras de verão

Passados quase três anos do início do que se chamou "prioridade agrícola", o País se prepara, no momento, para a colheita de mais uma safra de verão. Ao que tudo indica, o resultado final deste ano será mais volumoso que a produção do ano passado apesar das adversidades climáticas que afetaram importantes zonas de produção.

O processo através do qual as autoridades governamentais buscaram instrumentalizar o setor primário, atribuindo-lhe grande responsabilidade na difícil tarefa de contribuir para o desaquecimento dos preços internos e para o equilíbrio das contas externas, começou em maio 79. A observação das medidas adotadas com este fim, desde então, revela que a nova postura governamental não se diferenciou substancialmente de seu posicionamento em períodos anteriores. Isto porque os instrumentos empregados – crédito, basicamente – permaneceram os mesmos. Assim, não se conseguiria, no período, extirpar velhas mazelas da agricultura brasileira; tão-somente tentar-se-ia ampliar a produção sobre as mesmas bases do passado recente.

A tabela 1 permite visualizar a evolução da produção brasileira de grãos (incluindo os cereais, o feijão e as sementes oleaginosas) nos últimos sete anos. Nela estão arroladas as safras frustradas de 1978 e 1979, e pode-se verificar que as safras obtidas posteriormente, em 1980 e 1981, representaram, praticamente, um retorno à taxa de crescimento da produção apresentada no início deste período, em 1976 e 1977. À semelhança destes últimos anos, o comportamento favorável do clima influenciou sobremaneira a consecução do bom resultado da safra 1979/80, e mesmo da safra 1980/81.

A maior atenção às lavouras produtoras de alimentos para o abastecimento interno, porém, rendeu bons frutos, como pode ser visto nos casos do arroz (de que se esperavam 9,5 milhões de t em 1981, numa safra que se frustrou) do feijão e do milho.

A tabela 2 apresenta as correções efetuadas nos preços mínimos de diversos produtos, até a instituição do preço básico, em jul. 81. Destacam-se os números referentes ao feijão e à soja. A primeira leguminosa foi contemplada com valores satisfatórios, denotando a preocupação governamental com seu fornecimento à população. Quanto à soja, cujo principal estímulo provém das cotações do mercado internacional, os seus preços institucionais tiveram pequenos incrementos.

Cabe registrar a alteração promovida para esta safra, em que foi atendida antiga reivindicação dos produtores, com a atualização do preço mínimo, desde sua fixação até sua entrada em vigor, quando da colheita. O reajuste, promovido através da evolução do INPC, resultou em preços básicos um pouco superiores aos preços mínimos da safra anterior, se houvessem sofrido igualmente reajuste, até o momento.

Quanto à safra 1981/82 da região Centro-Sul, atualmente em fase de colheita, os ganhos de área de algumas das principais culturas foram compensados por reduções em outras, resultando numa estagnação da extensão da área total de cultivo (tabela 3). Tais movimentos deveram-se, em sua maior parte, à configuração do mercado de cada produto, no período imediatamente anterior ao plantio, embora tenha pesado a política agrícola para o setor, notadamente no caso do milho, cujo *valor básico de custeio* foi considerado bastante favorável pelos produtores.

Embora não seja possível, no momento, avaliar com grande precisão o tamanho da safra, parece certo que os 55 milhões t de grãos e de oleaginosas esperados pelo Governo federal dificilmente se concretizarão. Com efeito, a estiagem, que afetou os estados sulinos, deixou marcas visíveis nos campos, mas suas seqüelas sobre a produtividade das diferentes culturas só serão conhecidas no final da colheita. Cabe registrar que o resultado apresentado na tabela 1, de 53,833 milhões t, situa-se próximo ao ponto médio do intervalo previsto pela Comissão do Financiamento da Produção, do Ministério da Agricultura (53,877 milhões t), sendo o extremo superior exatamente o total esperado pelo Governo.

Em nível de cada lavoura, segue-se o desempenho de cada safra.

Algodão

Devido à grande discrepância entre as estimativas de área plantada da cotonicultura (no Paraná, por exemplo, a Secretaria da Agricultura divulgou, em janeiro, uma expansão de 18% no plantio, enquanto a CFP calculou apenas 2%), o resultado final da safra é incerto. Preliminarmente, pode-se considerar razoável uma ligeira redução no volume produzido pelo Centro-Sul, que passaria de 1,351 milhão t da safra 1980/81, para 1,315 milhão t (ou cerca de 920 mil t de caroço de algodão).

Considerando-se que se espera, para 1982, um aumento no consumo interno de algodão, e que os estoques das indústrias estão relativamente reduzidos, possivelmente os preços do produto superarão o preço básico. Deve-se ter em conta, porém, o desfalque provocado pela estiagem, estimando-se que cerca de 20% da safra do Paraná, maior estado produtor, tenham sido perdidos.

Safras de verão

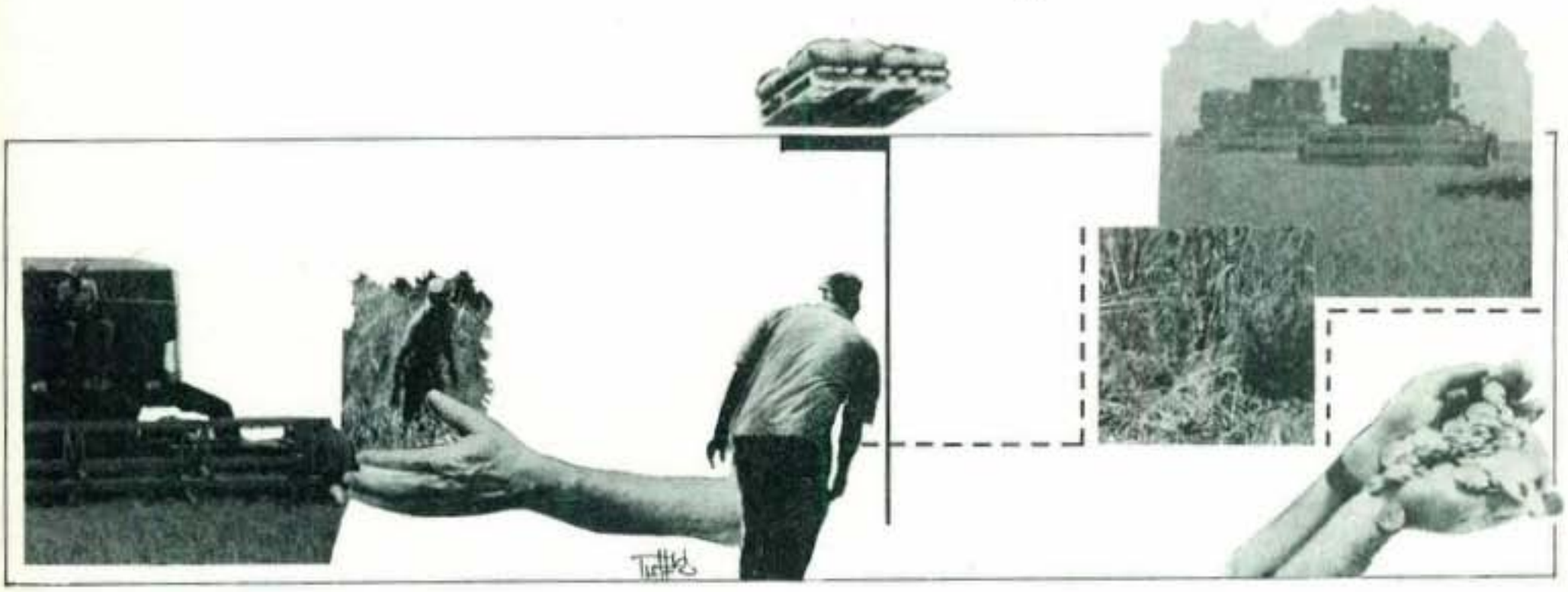


Tabela 1 – Brasil: Evolução da produção das principais culturas de grãos e sementes oleaginosas – 1975/1982 (1 mil t)

	1975	1976	1977	1978	1979	1980	1981	1982*
Amendoim	442	510	321	325	462	483	355	375
Arroz	7.782	9.757	8.994	7.296	7.595	9.776	8.261	9.180
Aveia	42	39	37	54	58	76	90	90
Caroço de algodão	1.224	884	1.330	1.099	1.131	1.006	1.038	1.050
Centeio	19	13	8	7	10	10	20	20
Cevada	25	62	95	144	98	75	101	150
Colza	–	–	–	–	–	3	12	25
Feijão	2.282	1.840	2.290	2.194	2.186	1.968	2.339	2.587
Girassol	–	–	1	3	5	20	23	41
Linhaça	11	14	10	6	7	–	20	20
Mamona	354	217	224	317	325	281	278	325
Milho	16.335	17.751	19.256	13.569	16.306	20.372	21.826	23.660
Soja	9.893	11.227	12.513	9.541	10.240	15.156	15.231	13.835
Sorgo	202	277	435	227	121	180	212	175
Trigo	1.788	3.216	2.066	2.691	2.927	2.702	2.207	2.350
Total	40.399	45.807	47.580	37.473	41.471	52.108	52.013	53.883

* Estimativas.
Fonte: IBGE e CFP.

Tabela 2 – Brasil: Produtos selecionados – evolução nominal dos preços mínimos – 1977 a 1982

	1976/77	1977/78	Δ %	1978/79	Δ %	1979/80	Δ %	1980/81	Δ %	1981/82**	Δ %
Algodão	78,00	100,20	28,5	135,00	34,7	201,90	49,5	475,20	135,4	685,00	44,1
Arroz	100,00	130,00	30,0	182,00	40,0	320,00	75,8	720.00	125,0	1.000,00	38,9
Feijão preto	214,80	276,00	28,5	369,00	33,7	612,00	65,8	2.520,00*	311,7	3.150,00	25,0
Milho	63,60	78,00	22,6	108,00	38,5	185,40	71,7	474,00	155,7	735,00	55,1
Soja	96,00	112,20	16,9	150,00	33,7	315,00	110,0	660,00	109,5	945,00	43,2

* Primeiramente fixado em Cr$1.800/60 kg.
** Dados ainda reajustáveis pelo INPC.
Fonte: CFP.

Safras de verão

Tabela 3 – Centro-Sul: área plantada das principais safras de verão – 1980/81 e 1981/82 (1 mil ha)

	1980/81	1981/82	Δ%
Algodão	797	887	11,3
Arroz	4.948	4.467	–9,8
Feijão	2.072	2.242	8,2
Milho	9.982	10.411	4,3
Soja	8.690	8.458	–2,7
Total	26.489	26.465	–

Fonte: CFP.

As exportações da fibra também deverão aumentar, pois o preço do produto brasileiro as favorece e entrou em vigor um programa de redução do crédito-prêmio.

Arroz

Como resultado de um longo período de preços baixos, a área cultivada na safra 1981/82 com o cereal, no Centro-Sul, reduziu-se aproximadamente 10%. Como a safra anterior, no entanto, foi bastante afetada por problemas climáticos no Centro-Oeste (e, também, no Meio Norte, que colhe mais tarde), a atual colheita deverá propiciar um resultado maior do que a precedente.

A redução do plantio deveria ser compensada pela recuperação dos níveis de produtividade, nesta safra. Não se sabe, atualmente, em que nível isto ocorrerá, pois os arrozais do Sul foram prejudicados pela estiagem em diversas áreas e, no Centro-Oeste e em Minas Gerais, houve forte incidência de cigarrinhas, praga originária das pastagens junto às quais o arroz é cultivado. É possível que, só no Rio Grande do Sul, principal produtor, as perdas cheguem a 250 mil t, pois órgãos estaduais ligados à agricultura avaliam-nas em torno de 10% da safra.

Caso não ocorram problemas na safra do Norte/Nordeste, o abastecimento do produto não deverá ser afetado, apesar de uma inevitável redução dos estoques governamentais. Um nova quebra, porém, poderia levar à efetuação de importações do grão, para a manutenção dos preços em níveis favoráveis aos consumidores.

Feijão

Processo bastante distinto viveu o cultivo do feijão, com um grande aumento na área plantada, a quase-certeza da obtenção de uma safra vultosa e uma certa indefinição quanto ao plantio da segunda safra.

Quase dois anos de preços elevados atribuíram à leguminosa uma atratividade inusitada, também fundamentada em incentivos governamentais ao plantio. O fecho deste período é a situação atual, em que só nas últimas semanas o preço médio recebido pelos produtores aproximou-se do preço básico, de Cr$3.709,80 e os estoques do Governo não param de crescer.

Também afetado pelo clima, embora em outra época, e, ao contrário dos demais, pela pluviosidade excessiva do início da semeadura, o produto desta safra não tem sido de boa qualidade, auxiliando a comprimir ainda mais o preços.

Espera-se um abastecimento regular do produto, pelo menos nos próximos meses, pois a safra da seca ainda não está perfeitamente delineada.

Milho

A fácil mecanização do cultivo do milho, os altos rendimentos dele provenientes e a existência de uma sólida demanda das indústrias produtoras de rações para os setores de aves e de suínos respondem pelo destaque conseguido pelo cereal, nos últimos anos.

Ao contrário do feijão, outra lavoura em expansão, o plantio do cereal tem apresentado, também, mudanças qualitativas, sendo introduzido, cada vez mais, em grandes propriedades, em substituição à soja. Tal fato verificou-se, mais uma vez, nesta safra, em que o milho apresentou uma razoável ampliação de suas áreas de cultivo.

Até recentemente, tinha-se como certa a obtenção de uma safra recorde do produto; mas as perdas provocadas pela falta de chuvas no Sul, responsável por 55% da produção do País, estão estimadas em torno de 11%. Este percentual, se concretizado, reduzirá em 860 mil t a produção regional. O Governo federal considera, no entanto, que, com um consumo avaliado em 23 milhões t e estoques remanescentes de 1,7 milhão t, a situação do mercado do produto será perfeitamente normal, em 1982.

Soja

Pela segunda vez, a soja teve sua área de cultivo reduzida, no País. Basicamente, a concorrência do milho (que seria ainda maior, não fosse a seca no início do plantio, em setembro, que beneficiou a soja) e a menor disponibilidade de recursos para custeio e investimento (prejudicando a conquista de novas terras) respondem pelo recuo da leguminosa.

A previsão da Comissão de Financiamento da Produção, antes da estiagem, indicava para a soja uma safra de até 15,1 milhões t. Com as quebras, é possível que o resultado final chegue a 13,7 milhões t, ou, aproximadamente, 11% a menos do que o obtido, segundo o IBGE, no ano passado.

Espera-se que a repercussão destes números no mercado internacional auxilie a aquecer as cotações, beneficiando exportadores e produtores brasileiros. Não se sabe, contudo, o que acontecerá no mercado interno, em razão da nova política de liberdade de comercialização que vigorará este ano.

Ao que tudo indica, mesmo com as quebras, a safra 1981/82 poderá superar suas predecessoras. É importante atentar, porém, para o fato de as previsões feitas para o volume total da safra deste ano incorporarem as culturas de inverno, de cujo plantio, a iniciar-se em algumas semanas, não se pode adiantar praticamente nada. A principal delas, o trigo, é considerada pelo Banco Central a lavoura de maior risco do País, o que turva ainda mais avaliações tão prematuras.

Sabe-se, todavia, que enquanto persistirem os dois principais problemas que o Governo federal se propõe a combater — o da taxa inflacionária e o da balança comercial — a agricultura continuará inserida num contexto de "priorização". ♦

Fernando Roberto F. Almeida
(economista do IBRE/GIA)

PETERS & SUMMERS

ANÁLISE ESTATÍSTICA E PROCESSO DECISÓRIO

2.ª EDIÇÃO
684 p.

Fornece uma base sólida em teoria das probabilidades estatísticas e supre as necessidades de aprofundamento em matemática formal e estatística para estudantes em nível de graduação e pós-graduação.
Contém glossário dos símbolos gregos e romanos usados em estatística, numerosas tabelas, exemplificação abundante, emprego de populações ideais e simulação de amostragem, além das soluções de vários exercícios para auxiliar o autodidata.
Um livro essencial à atividade do administrador moderno, ao professor e a todos os que se interessam pelo estudo da estatística aplicada à administração.

Nas livrarias da FGV
Rio - Praia de Botafogo 188
Graça Aranha, 26 - Lojas C e H
São Paulo - Nove de Julho, 2029
Brasília - CLS 104, Bloco A, Loja 37

Ou pelo Reembolso Postal
A FGV/Editora - Divisão de Vendas
Caixa Postal 9052
20.000 - Rio de Janeiro - RJ